

3. Literatura de Cabo Verde

De modo parecido a Angola e Moçambique, a literatura começa, em princípio, com a imprensa (*Cabo Verde*, 1907, *A Voz de Cabo Verde*, 1911, *O Mindelense*, 1913, *O Cabo-verdiano*, 1918 etc.). No início do século XX, instaura-se o período *Hesperitano*, nomeado pela alusão ao mito das Ilhas Hespérides, em que sobressai o tema de Pasárgada (pela referência ao poema do brasileiro Manuel Bandeira), de evasão (Pedro Cardoso, *Hespérides*, 1930, José Lopes, *Hesperitanas*, 1929).

Em 1936 aparece a revista *Claridade*, à volta de **Baltasar Lopes**, com o lema “fincar os pés na terra caboverdiana”, destacando-se nesta, também, o poeta **Jorge Barbosa** e os ficcionistas **Manuel Lopes** e **António Aurélio Gonçalves**. Com uma educação literária portuguesa e europeia (em especial, na literatura francesa do século XIX), trata-se de facto dos criadores da literatura caboverdiana autónoma que introduzem novos temas como a estígia, a emigração, a vida urbana (sobretudo do Mindelo e da burguesia). Baltasar Lopes é autor do romance caboverdiano fundador, *Chiquinho*, (1947). A revista é publicada ainda nos anos de 1947–1949 e de 1958–1960. Na esteira desta revista surge *Certeza* (1944), com maior preocupação pela temática social, à laia do neorealismo português (**Manuel Ferreira**, **Orlanda Amarílis** etc.).

No início da segunda metade do século XX, há uma ruptura significativa constituída pelo *Suplemento Cultural* do *Boletim de Cabo Verde* (1958), em que se anuncia uma nova geração (**Gabriel Mariano**, **Ovídio Martins**), introduzindo o tema da nacionalidade literária. Esta ruptura é exemplarmente expressa no ensaio *Consciencialização na Literatura Caboverdiana* (CEI, 1963) de **Onésimo Silveira** e no poema “Gritarei berrarei matarei Não vou para Pasárgada” de Ovídio Martins, nos quais se recusa o evasão esteticista hesperitano e claridoso.

Em 1962 aparece ainda *Sêló*, o suplemento de *Notícias de Cabo Verde*, a que estão ligados poetas como **Arménio Vieira** ou **Oswaldo Osório**.

Nos anos 70, a literatura consolida-se ainda mais com uma profusa obra narrativa (p. ex. **Teixeira de Sousa**), bem como com uma poesia original (**Corsino Fortes**). Após a independência, surgem muitas novas revistas, destacando-se *Ponto & Vírgula* (1983–1987) de **Germano Almeida**, autor de ficções entre o realismo e a fantasia.

JORGE BARBOSA

(1902–1971), poeta importante do movimento gerado em torno da revista *Clareidade* (1936). A sua poesia exprime a condição do ilhéu – a sensação de insularidade, configurada como uma tensão entre a necessidade de partir (escapar, por motivos de miséria, seca e fome, à prisão marítima) e o desejo de ficar, o amor à terra (*Arquipélago*, 1935, *Ambiente*, 1941, *Caderno de Um Ilhéu*, 1956).

POEMA DO MAR

O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossas Ilhas,
desgastando as rochas das nossas Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores,
roncando nas areias das nossas praias,
batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloiçando os barquinhos de pau que vão por estas costas...

O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...

O Mar!
saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados,

histórias da baleia que uma vez virou a canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,
nos portos estrangeiros...

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter de ficar!

(BARBOSA, Jorge. “Poema do Mar”, *Ambiente*, 1941,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*, Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 97–98)

REGRESSO

Navio aonde vais
deitado sobre o mar?

Aonde vais
levado pelo vento?

Que rumo é o teu
navio do mar largo?

Aquele país talvez
onde a vida
é uma grande promessa
e um grande deslumbramento!

Leva-me contigo
navio.
Mas torna-me a trazer!

(BARBOSA, Jorge. “Regresso”, *Caderno de um ilhéu*, 1956,

In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 101)

BALTASAR LOPES

(1907–1990), figura importante da revista *Claridade*, escreveu poesia sob o pseudónimo de **Oswaldo Alcântara**. Poeta, ficcionista, ensaísta, filólogo e investigador da língua (português e crioulo). A sua poesia é marcada pela tradição de rimances populares, oralizada e simultaneamente intelectualizada e esteticamente trabalhada. Autor do primeiro romance cabo-verdiano, *Chiquinho* (1947), o *bildungsroman* sobre a infância e juventude de um rapaz da ilha de S. Nicolau.

MAR

És estrela e única vida.

Vida que sobe das esquinas ocultas
no mar sem águas, no mar
com águas sem sal que vêm a diluir-se
lá do fundo das distâncias mágicas!

Vida para quê?

Ó distância da vida pouco e pouco escoando-se.
Mistério do caminho cada vez mais certo?

E as auroras que eu via
e nelas me alava para as viagens futuras!

Mas não esta viagem em limite,
de passadas mutiladas.

Mar, tu és o que fica.

(ALCÂNTARA, Oswaldo. “Mar”, In *Colóquio/Letras*, nº 14, 1973,
In FERREIRA, Manuel, *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 117)

MANUEL LOPES

(1907–2005), ligado à revista *Claridade*, juntamente com Baltasar Lopes fundou a moderna ficção cabo-verdiana. Autor de contos (*Galo Cantou na Baía*, 1959, o conto homónimo publicado pela primeira vez na *Claridade* em 1936, antecipando o neorrealismo português) e de romances (*Chuva Braba*, 1956, *Os Flagelados do Vento Leste*, 1960). Descreve o desafio do povo cabo-verdiano à natureza, às condições climáticas que, gerando sucessivas secas, obrigam os homens a emigrar.

GALO CANTOU NA BAÍA

Guarda Toi não tinha sono essa madrugada. Quem ignora que a inspiração tira o sono como qualquer dor? Como, por exemplo, e segundo a comparação do próprio Toi, a dor do parto. Uma inquietação que ele bem conhecia formigava-lhe no espírito, coisa parecida com a inspiração. Mas era inspiração mesmo, uma irreprimível vontade de fazer algo, de se dar. Todo o mundo sabia que o guarda de Alfândega, Toi, era „mornador“ brabo, e as mornas que inventava eram dançadas e cantadas com entusiasmo nos bailes nacionais, menos de uma semana depois de nascidas.

Toi tinha uma equipa de propaganda e divulgação bem instruída, composta quase toda de colegas. Morna nova de Toi era coisa boa, „sabe coma mel, pra todo o mundo“, como gostava de dizer a Salibânia, da Rua de Coco ...

A estrada marginal refresca a caixa de pensar. Lá na sua – porque Toi tinha ideias fixas que ele chamava de filosofia – ficara assente que a morna veio do mar. Como Vénus (imagem colhida num tal Alcindo que fazia parte dum grupo literário), surgiu pura e nua das espumas do mar, e também como Vénus, é a protectora do amor porque foi à sua sombra que os nossos avós armaram casamento e o farão também os filhos dos nossos filhos, afirmou Toi, como evidente eloquência, num baile nacional do Tolentino. Foi ali que Jack de Inácia repontou dizendo que não sabia o que é que ele queria dizer com esta história de Vénus e outras, que de Vénus só conhecia uma coisa de borracha que chamavam camisa e que vendiam na farmácia. Os companheiros falavam das basófilias do Toi, convencidos de que estas e outras ideias e algumas palavras difíceis não eram de sua lavra. Transmitia-as tal qual as ouvia, para espantar a malta. Mas não deixavam de ser seus amigos por isso, pois era um bom compincha. Nunca acrescentou, todavia, qualquer justificação à convicção de que foi na ilha da Boavista, entre os pescadores, que nasceram as primeiras toadas rítmicas e queixosas da morna – razão, acrescentava, por que a morna tinha a cadência de remo na forqueta, e embalava os pares, na sala, como o bote embalava os pescadores no mar da costa. Foi para esquecerem as horas que os pescadores arranjaram uma cantilena ao ritmo do balanço do bote. Vão lá tirar razão ao Toi com provas que sim ou que não numa terrazinha pobre onde não

havia documentação sobre nada do passado, como se o passado das gentes e das ilhas não tivesse importância nenhuma! Quem nada tem todo o mundo é seu – não é assim que a gente costuma dizer? – o que pode significar que quando não há documento sobre sim ou não de uma coisa, o sim ou o não pode constituir prova suficiente em si, isto é, todo o bicho-careta pode agarrar umas das duas opiniões sem deixar de ter a verdade na mão. “Porquê que havia de ser os pescadores de Boavista e não outros?” “Ora essa! Por que não? Se vocês querem saber tratem de indagar...” Lógico. Mas Toi tinha outras opiniões mais graves. Um dia gritou para todo o mundo ouvir, ali no reservado da Salibânia: “Ouvi uma conversa que me entrou na cabeça e daqui não sai. Porque é mesmo assim. Pois fiquei sabendo que a morna é mais antiga que o tango. E tango tem alguma coisa que ver com os nossos antigos emigrantes na Argentina. Eu por mim afirmo, de alma e coração, que o tango veio da nossa morna.” Ai, ai, guarda Toi metido em cavalarias altas. “Mas ó Toi...” “Aqui não tem discussão. Quem quiser saber trate de indagar...” Toi era guarda, podia livrar um de uma enrascadela, de modo que era melhor deixar tudo como ele dizia ...

Gostava dessas nocturnas e solitárias deambulações – um pouco puxado por hábito profissional – e a Pontinha prestava-se para aliviar a caixa do juízo depois da meia fusca com que deixara a festa de guarda-cabeça em casa do compadre Severino, no Alto-de-S. Nicolau. Mas o que se estava a passar com o Toi essa madrugada não se relacionava já apenas com o grogue bebido no Severino. Havia nele uma euforia que o punha tonto e confuso e o fazia sofrer. Do mesmo modo, uma inquietação muito doce parecia suspendê-lo no ar e assobiava-lhe harmonias musicais cadenciadas ao ouvido. Era assim o “estado de transe” de Toi. Nesses momentos angustiosos qualquer coisa crescia no seu espírito a forçar uma saída. A válvula de escape dava passagem a uma morna. Morna de Toi.

A última que fez entusiasmou deveras. Título pirandélico: “*Sôdade ô non*”. Quem faz “*Sôdade ô non*” tem destino traçado. Foi depois dum baile no Tolentino, na madrugada, durante o passeio solitário para os lados da Cova da Inglesa, com o vento do mar a bater-lhe na cara e as ondas fosforescentes ali a dois passos rebolando na areia invisível, «como Vénus na sua luminosa aparição, parte onda parte mulher ... ou meia morna”.

“Digo e torno a dizer a vocês que morna veio do mar, cada vez tenho mais a certeza. Toada de morna é toada de mar. Minhas mornas têm um gostinho salgado – dizem – pois se é lá no mar onde nascem que as vou buscar ...” Basofe, mas mornador quente – dizia Jack da Inácia. E Teodora mordida Toi na nuca, sadicamente, porque gostava das mornas que ele fazia. E lá veio a explicação. Foi num piquenique, e Toi tinha dois grãos na asa: “Sou como bicho fêmea grávida. Quando sinto que estou para “ter” morna, procuro sombra. E sombra com mar diante. Só com mar diante ...”

(LOPES, Manuel. Galo *Cantou na Baía e outros contos*.

Lisboa: Caminho, 1998, p. 15–17)

ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

(1901–1984), ficcionista, desde 1947 colaborador da *Claridade*, cultor de uma forma breve da narrativa (novela ou noveleta) que entre os 19 e os 38 anos viveu em Lisboa. Aos títulos mais importantes pertencem: *Pródiga* (1956), *Enterro de Nhá Candinha Sena* (1957), *Noite de Vento* (1970), *Virgens Loucas* (1971), *Recaída* (1947). As suas prosas, herdeiras do realismo oitocentista europeu, são em geral localizadas no Mindelo (ilha de S. Vicente), o primeiro centro urbano do arquipélago.

O ENTERRO DE NHÁ CANDINHA SENA

Há tanto tempo ... Nhá Candinha Sena era uma mulata muito escura, quase preta pode dizer-se, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto, como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto; com o tempo, apagou-se-me da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas nunca me esqueci. Dos olhos – pretos, sorridentes e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me, também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar – no meio de risos – a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna ... Além disso, basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia ao ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra – mas poucas – em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nhá Candinha tinha uma voz, que era verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Quando a doença se lhe agravou – já nas últimas – passou definitivamente para casa do Abel Ferreira, seu sobrinho, e lá morreu. Mas, até à velhice, morou sempre numa casinha a poucos passos da nossa. Era andar um bocadinho, subir uma rampazinha e, ao fundo, do lado esquerdo, encontrava-se a sua moradia, apenas com a porta de entrada e uma janela. A porta dava para uma pequena varanda envidraçada, guarnecida de trepadeiras, caixotes com tulipas, que estabelecia comunicação com uma salinha de visitas, desembocava num quintalejo onde o sol era certo como certas visitas íntimas, de todos os dias, que, onde chegam, instalam-se, tagarelam, faiscam e nunca dão sinal de quererem retirar-se. Lá havia cadeiras de verga, uma madeira de balouço e era descansando nesta ou assomada à janela que eu encontrava nhá Candinha, à tarde, quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de nhá Maria Arcângela ... com a mariolagem da minha rua.

A distância, perdido no meio dos outros, espreitava o aparecimento da minha amiga. Fui sempre uma criança retraída; bastava a curta separação de um dia para me despertar a timidez. Chegado à sua porta, a minha vontade seria entrar por ali dentro numa lufada e lançar-me todo em festa nos seus braços. Era assim que via fazer a alguns dos meus camaradas com pessoas da sua amizade. O seu desembaraço era o orgulho das famílias e fazia o encanto de estranhos. Em todas as conversas, comigo presente, era certo gabarem-nos; achavam-lhes uma graça inesgotável, apontavam-nos como modelos. No íntimo, eu admirava-os como a privilegiados e desejava ser como eles; mas um travão interior abatia inevitavelmente os meus impulsos. Por isso, ia deixando passar o tempo e fingia que tomava parte nas traquinices. A verdade é que não fazia senão esperá-la. Ela via-me – os nossos olhos cruzavam-se –, e chamava-me. Outras vezes demorava-se. Eu, então, a pouco e pouco, subtilmente ... aproximava-me da casa de nhâ Candinha. Deslizava ao longo da parede e surgia à porta a sorrir-me acanhadamente.

(GONÇALVES, António Aurélio. „Enterro de nhâ Candinha Sena“, *Noite de Vento*. Instituto Caboverdiano do Livro, 1985, p. 87-88)

OVÍDIO MARTINS

(1928), poeta e contista, ativista político, preso e exilado na Holanda, onde publicou o seu livro de poemas mais importante: *Gritarei Berrarei Matarei – Não Vou para Pasárgada* (1973) que, através de diálogo intertextual com o poema famoso do brasileiro Manuel Bandeira, exprime a crítica ao suposto *evasionismo* da *Claridade*.

ANTI-EVASÃO

*Ao camarada poeta
João Vário*

Pedirei
Suplicarei
Chorarei
Não vou para Pasárgada
Atirar-me-ei ao chão
e prenderei nas mão convulsas
ervas e pedras de sangue
Não vou para Pasárgada
Gritarei
Berrarei
Matarei
Não vou para Pasárgada

(MARTINS, Ovídio. “Anti-evasão”, *Caminhada*, 1962, In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban I. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 186)

GABRIEL MARIANO

(1928–2002), poeta, ficcionista, ensaísta. Um grande contador de histórias com temas da infância, da marginalidade, da injustiça social, baseadas na oralidade e num ritmo encantatório (*Vida e Morte de João Cabafume*, 1976).

CAMINHO LONGE

Caminho
caminho longe
ladeira de São-Tomé
Não devia ter sangue
Não devia, mas tem.

Parados os olhos se esfumam
no fumo da chaminé.
Devia sorrir de outro modo
o Cristo que vai de pé.

E as bocas reservam fechadas
a dor para mais além
Antigas vozes pressagas
no mastro que vai e vem.

Caminho
caminho longe
ladeira de São Tomé
Devia ser de regresso
devia ser e não é.

(MARIANO, Gabriel. “Caminho Longe”, *12 Poemas de Circunstância*, 1965,
In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 171–172)

VIDA E MORTE DE JOÃO CABAFUME

Moço, entende direito o que te vou contar. João Cabafume não foi um qualquer. Ele não era como um eu, ou como um tu que estendemos as mãos para outro pôr corda. Morreu no meio da baía numa noite de lua cheia. Não, moço, não foi destino. João Cabafume não teve destino. Quando veio da Ladeira Grande para aqui passou ao destino a primeira calaca. Destino queria matá-lo de fome. Então ele foi ter de mestre Joãozinho:

– Mestre Joãozinho, leve-me para S. Vicente no seu navio. E quando senhor admini-

strador quis pegá-lo para o mandar embora João Cabafume passou ao destino a segunda calaca. Moço , entende direito o que te vou contar. Foi assim: andava na ilha um homem comprido de cara vermelha. Manhento como gato ladrão. Andava catando gente para assinar contrato. Cada cabeça cem escudos. Foi então que mandaram apanhar pobres para fechar no Albergue. Pobre chateava as pessoas finas e incomodava os passageiros que desembarcavam. Por isso senhor Administrador deu ordem para fechar no Albergue toda a criatura que não tinha trabalho. Pobre e cachorro vadio, nenhum podia passear na rua. Albergue encheu. O homem comprido foi ter com o senhor Administrador. Andava catando gente para assinar contrato. Cada cabeça cem escudos. Albergue estava cheio. Foi falar com o senhor Administrador. Cem escudos bem que davam para dois. Passearam de automóvel, foram ao Grémio beber uísque e soda. As pessoas tiravam os chapéus:

– Boa noite, senhor Administrador . . .

Os comerciantes cumprimentavam com respeito:

– Senhor Administrador . . . Senhor Nogueira . .

Depois de jantar saíram de automóvel e andaram Monte e Chã de Alecrim à procura de mulheres.

No dia seguinte senhor Administrador foi ao Albergue.

– Vocês são todos uns mandriões . . . Porque é que não trabalham? Querem é esta vida de pedir esmolas. Corja de preguiçosos...

Albergue estava cheio. Aqueles pobres de Cristo ouviam, calados, a fala do senhor Administrador.

– Porque é que não procuram que fazer?

– Dondê trabalho, senhor Administrador? Porquê que o senhorão não manda abrir trabalho?

Sr. Administrador olhou para João Cabafume mas não respondeu. Continuou a falar. Depois tirou da pasta uns papéis castanhos.

– Vocês têm de assinar isto se querem sair. Depois vão ter com o senhor Nogueira. No escritório da Casa Gomes . . .

Todos botaram assinatura e saíram. Todos foram ter de Sr. Nogueira no escritório da Casa Gomes. Ele andava catando gente. Por cada cabeça recebia cem escudos. Contou os homens que estavam na sua frente. O Administrador era homem de palavra. Depois falou para eles. Cada um ia receber, adiantado, setenta e cinco escudos. Tirou as notas do cofre. No dia 30 seguiriam no vapor da carreira. Setenta e cinco escudos para quem não tem pão certo é muita coisa. Só João Cabafume não recebeu. Moço, entende direito o que te estou contando . . . Quem podia obrigar João Cabafume? João Cabafume não teve destino. Quando Sr. Administrador o chamou no seu gabinete ele disse que ninguém o podia obrigar. Sr. Administrador falou: tu assinaste contrato. João Cabafume respondeu: assinei contrato para sair do albergue. Sr. Administrador gritou: tu tens de ir. João Cabafume abriu a boca: não vou.

- Tu vais!
- Não vou!
- Mando-te para a cadeia . . .
- Cadeia não foi feita para cães !
- Ladrão!
- Ladrão não tem marca na testa !
- Cachorro!

João Cabafume arrebentou-lhe a boca com duas palmadas na cara!

Valente lá fora! Brigador como ele só! Moço, entende direito o que te estou contando.

João Cabafume não aguentava desaforo de ninguém. Nem de preto nem de branco. Nem de pobre nem de rico. Como é que ele podia brigar com o destino se ele fosse um aguentador de desaforo?

(MARIANO, Gabriel. “Vida e morte de João Cabafume”,
Vida e morte de João Cabafume. 2ª ed. Lisboa : Vega 2001, p. 69-71)

CORSINO FORTES

(1933), autor de uma poesia altamente original (*Pão & Fonema*, 1974) que, pela sua profunda reflexão sobre o país e o povo cabo-verdiano, pode ser considerada uma epopeia moderna. Um dos traços interessantes é o trabalho com o imaginário cabo-verdiano: a paisagem, clima, problemas de seca, fome, emigração, mas também a música e cultura participam na (re)criação da identidade cabo-verdiana. Nalguns poemas é aproveitada a língua crioula ao lado (ou em vez) da portuguesa.

DE BOCA A BARLAVENTO

I

Esta

a minha mão de milho & marulho

Este

o sol a gema E não

o esboroar do osso na bigorna

E embora

O deserto abocanhe a minha carne de homem

E caranguejos devorem

esta mão de semear

Há sempre

Pela artéria do meu sangue que g

o

t

e

j

a

De comarca em comarca

A árvore E o arbusto

Que arrastam

As vogais e os ditongos

para dentro das violas

II

Poeta! todo o poema:

geometria de sangue & fonema

Escuto Escuta

Um pilão fala
 árvores de fruto
 ao meio do dia

E tambores
 erguem
 na colina
 Um coração de terra batida

E lon longe
Do marulho à viola fria
 Reconheço o bemol
Da mão doméstica
 Que solfeja

Mar & monção mar & matrimónio
Pão pedra palmo de terra
 Pão & património

(FORTES, Corsino. *Pão & fonema*. Lisboa: Sá da Costa, 1980, p. 7–8)

OSVALDO ALCÂNTARA

A GRANDE A GRANDE
a pequeno a pequeno
B GRANDE
 e
 b pequeno

Pelo outubro destas veredas vão
Filhos e filhas das nossas vizinhas

Enquanto soletram
 a geometria das serras +
 caminhos de ferro d'Europa
Os corvos passeiam pelos pátios da ilha

 NÃO
 NHÔ BALTAZ DIRIA

Com miúdo & miúda angústia +
 centavos de alegria

As crianças vão
Curva da mão

Que acena
Planta dos pés que partem
E de cócoras
 As almas crescem
Para os aviões
 Que bradam
Navio aceso
No meu osso osso de milho verde
A GRANDE A GRANDE
a pequeno a pequeno
B GRANDE
b pequeno b pequeno

(FORTES, Corsino. *Pão & fonema*. Lisboa: Sá da Costa, 1980, p. 28–29)

ARMÉNIO VIEIRA

(1941), poeta e ficcionista, preso pela PIDE, descrente da poesia utilitária, renova a expressão artística pela metaforização e por um jogo de fingimentos e referências culturais. Na sua obra destacam-se as coletâneas poéticas *Poemas* (1981) e *MITOgrafias* (2006), bem como a novela *O Eleito do Sol* (1990) e o romance *No Inferno* (1999).

POEMA

Mar! Mar!

Mar! Mar!

Quem sentiu mar?

Não o mar azul
de caravelas ao largo
e marinheiros valentes

Não o mar de todos os ruídos
de ondas
que estalam na praia

Não o mar salgado
dos pássaros marinhos
de conchas
areia
e algas do mar

Mar!

Raiva-angústia
de revolta contida

Mar!

Silêncio – espuma
de lábios sangrados
e dentes partidos

Mar!
do não-repartido
e do sonho afrontado

Mar!

Quem sentiu mar?

(VIEIRA, Arménio. “Poema”, In *Sêló*, nº 2, 1962, In FERREIRA, Manuel.
No Reino de Caliban I. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 219–220)

TEIXEIRA DE SOUSA

(1919–2006), médico e ficcionista, conhecido sobretudo pela sua trilogia (*Ilhéu de Contenda*, 1978, *Xaguaté*, 1988, *Na Ribeira de Deus*, 1992), um fresco traçando a sociedade da Ilha do Fogo no decorrer do século XX. Também autor de contos (*Contra Mar e Vento*, 1972) e de outras prosas.

MENOS UM

Por trás da casa estava-se melhor. Não havia tanto calor. Àquela hora, depois do meio-dia, havia sempre um bocado de sombra. O meu avô contava casos do mar, a vizinhança vinha catar piolhos, os homens fumavam e as enxadas criavam ferrugem. Era já tarde e a respeito de chuva, nada. O céu andava escancarado. O mundo, seco como a lenha. Nem um borrifo para apagar a poeira do chão. Os animais, destripados. Tudo como se viesse um redemoinho e varresse os campos.

As pessoas crescidas achavam que o meu avô estava virando leve de cabeça.

– Esta madrugada vi a estrela d’Alva sair mesmo do fundo da Cova-Tina. É um sinal sagrado. A estrela está prometendo uma tina d’água.

Toda a gente torcia o pescoço para o meu avô. Eu sentia raiva da gente grande, que só pensava era na chuva. Quando ele contava as coisas mais bonitas deste mundo é que paravam de estar calados para lhe perguntar quando chovia. Quando Deus quisesse. O que é que o meu avô podia dizer da chuva? Ali sisudos a fumar, aquela gente não tinha coração para ouvir as coisas do mar. Só sabiam dizer que as pessoas, quando chegavam à idade do meu avô, começavam a avariar o juízo. Então, porque lhe perguntavam pelo tempo?

– Depois de amanhã é a lua nova.

– Não, a chuva há-de vir. E não tarda. Em Setembro, quando o vento começa de madrugada, serena depois e torna a começar de tarde, de sudoeste, os navios que estão fundeados no porto da Vila saem todos para fora, porque é raro não cair refrega forte. Costuma vir acompanhada de chuva. Devemos estar debaixo do signo de Setembro. É muito certo. Costuma acontecer assim. Se assim for, não deve tardar que não tenhamos isto tudo alagado.

– Amen, boca de anjão!

Ainda por cima faziam troça dele. Destorciam o cachaço, cuspiam negro e continuavam fumando.

– Eduardo, já foste mudar a cabra?

Respondi que era tudo a mesma coisa – não havia palha em nenhum lugar. Mas a minha mãe não queria perceber. Que só sabia era estar ao pé da conversa da gente

grande e a respeito de trabalhar, nada. A cabra andava com a barriga pregada às costas. O que havia de fazer?

O mar lá em baixo era um lago de azeite e a ilha Brava parecia um porco grande a derreter-se num tanque. A cabra, assim que me via, punha-se a berrar. Metia-me raiva aquele bicho. Puxava-a pela corda aos esticões. Queria levá-la para outro lugar, mas ela ficava os pés no chão e não andava. A minha gente também não me compreendia. Tratavam mal o meu avô só porque era velho e estava virando leve da cabeça. Ele não ligava importância. Mas eu ficava com aquilo aqui na garganta como um nó. Tinha prometido fazer-me um navio se chovesse. Que me estragava com mimos em vez de me dar bons conselhos. Eu sabia que, se chovesse, prantavam-me de riba dum cutelo a guardar corvos. Como é que podia ir à ribeira correr o barco? Uma noite sonhei que tinha chovido e eu estava sobre um monte a atirar pedradas aos corvos com a funda. A água subia, subia e havia milhares e milhares de corvos à roda da minha cabeça. Já não tinha forças para estalar a funda. A água dava-me pelo pescoço. Gritava mas os corvos tinham feito uma sombra negra sobre mim. Apupava para os espantar e eles riam-se às gargalhadas, mostrando os dentes. A água cercava-me por todas as bandas e o meu destino era morrer afogado.

(SOUSA, Teixeira de. “Menos um”, In *Contra Mar e Vento*.

Lisboa: Prelo, 1972, p. 11-13)

ORLANDA AMARÍLIS

(1924–2014) publicou três volumes de contos (*Cais-do-Sodré té Salamansa*, 1974, *Ilhéu dos Pássaros*, 1983, *A Casa dos Mastro*, 1989), nos quais dominam os temas da infância, emigração e experiência feminina.

THONON-LES-BAINS

Gabriel ia dando notícias sobre aquele frio de França em Thonon-les-Bains perto da fronteira com a Suíça.

França tem muito frio, mamãe, mas gente põe galochas forradas, luvas e capote. Mana fez-me um gorro e um cachecol vermelho. Anteontem foi domingo e, por acaso, encontrei Mochinho um moço badio de Ribeira da Barca. Ele apalpou o meu cachecol e experimentou o meu gorro e riu muito, mamãe. Disse eu estava rascon, já podia conquistar menina-branca de Thonon.

O seu trabalho no torno numa fábrica de esquis agradava-lhe sobremaneira. Descrevia em pormenor como apertava os parafusos, dava a volta aqueles paus informes, aparava-os, alindava-os à força de máquinas, desapertava os parafusos de novo e lá iam eles para outras mãos fortes para os polirem, depois para outras para lhes colocarem os ferros e assim por diante. A irmã estava no serviço de colar as etiquetas e dar uma limpeza final a cada esqui.

Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon, mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada no corredor onde tem um calorzinho sabe dia e noite.

Piedade procurava sossegar a mãe, estivesse descansada porque aqui na França não é preciso coser enxoval. A gente vai nos magasins e compra tudo, roupa de casa, roupa-de-baixo, tudo-enquanto. Ela e Gabriel iam arranjar para morar junto duns amigos, patrícios de Santanton, tinham uma casa grande, ela ia ficar a morar aí quando casasse. Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer.

Nh'Ana descansou. A filha não esquecera ainda os bons ensinamentos de sua mãe. Esta, no entanto, evitava falar nas cartas à sua comadre. Era boa criatura, mas debaixo de suas boas intenções ainda era capaz de deitar algum quebranto na vida de sua filha. Quebranto podia apanhar qualquer pessoa em qualquer idade. Por isso gente põe os fios de conta, pretas e brancas, de volta das barrigas de menino-novo, por baixo do umbigo. Gente-grande não precisa de um fio de conta de quebranto, mas quando desconfia de

quebranto vindo por via de um elogio quase sempre (inveja), de um olhar intenso (mau olhado), é fazer figas com a mão esquerda escondida por entre as saias, debaixo de uma prega ou mesmo com a mão atrás das costas. Figa canhota, bardolega, mar de Espanha. E assim a força malfazeja de olhar ou das palavras é afastada.

Ia guardando as cartas debaixo do pano bordado da cómoda ou então debaixo da caixa de jóias. Algumas vezes relia-as para saborear as coisas sabe-de-mundo de França, terra onde todos os menininhos falavam francês desde pequeninos. Assim iam passando os dias, nh'Ana a pensar no seu botequim no seu negócio para depois do casamento da Piedade.

Todavia, ou por muitos afazeres ou por um pouco de preguiça, as cartas da filha iam rareando. Uma vez por outra quando dava notícias eram logo umas quantas folhas de papel de carta daquelas azuis ou cor-de-rosa com flores estampadas, coisas só mesmo de França. Não parecia muito entusiasmada com a perspectiva do casamento, mas continuava a dizer bem do noivo, era seu amigo dava-lhe muitos presentes, já a tinha levado duas vezes à Suíça, era muito perto de Thonon, só atravessar a fronteira e pronto. Gabriel abria-se mais com a madrastra. Mãe Ana, comprei anteontem uma televisão a cores. Sabe como é? As pessoas se estão vestidas de encarnado ou de azul, a gente vê tudo tal e qual de encarnado de azul ou verde. A minha televisão está em frente da minha cama e quando a quero apagar tenho uma maquininha onde carrego num botão e já está. É como uma pistola, mãe Ana. Aponto para a televisão e carrego no botão e ela apaga-se. Não é uma coisa bonita, mãe Ana?

Não era por acaso a falta de notícias da filha. Andara muito influída com a ideia do casamento mas ultimamente esmorecera. Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado levantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé ratchado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para a frente e para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa.

(AMARÍLIS, Orlanda. “Thonon-les-Bains”, *Ilhéu dos Pássaros*.

Lisboa: Plátano Editora, 1982, p. 18–21)

GERMANO ALMEIDA

(1945), ficcionista que, recorrendo ao humor, ironia e sátira social, oferece uma visão sobre a sociedade cabo-verdiana. Na sua obra, já mundialmente conhecida, destacam-se os romances *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989), *O Meu Poeta* (1990) e *A Família Trago* (1998).

IN MEMORIAM

Não obstante ser feriado nacional, a missa que D. Rosalinda Almeida manda rezar na data do aniversário do abrupto falecimento de Fernando de Macedo continua a ser muito concorrida. Aliás, toda a cidade recorda com comoção o grande choque que foi a notícia da trágica morte do Fernando e mesmo aqueles que não comungavam das suas ideias políticas lamentam ainda que o Macedo, tão bom rapaz, embora de facto um bocado despassarado, tivesse escolhido precisamente a noite da festa da independência nacional para se matar.

D. Rosalinda mantém a preocupação de fazer anunciar, quer no “Voz di Povo”, quer nos demais órgãos de comunicação social, que no dia 5 de Julho, pelas 17 horas, mandara rezar missa na Igreja Matriz da freguesia de Nossa Senhora da Luz pelo eterno descanso da alma do malgrado Fernando de Macedo que se entregou ao Criador no próprio dia em que uma nova vida nascia para o secularmente martirizado povo de Cabo Verde. Porém, não confiando que toda a gente lê os jornais ou presta atenção à agenda de informações da Rádio Nacional, telefona pessoalmente a cada um dos muitos amigos do falecido lembrando-lhes o dever sagrado de não esquecer o pobre Fernando, coitado, paz à sua alma, no fundo ele não é má pessoa, e como cristãos é nossa obrigação contribuir dentro do possível para o maior sossego da sua alma.

Hoje, D. Rosalinda faz o último pelo-sinal no fim da missa e com o aliviado suspiro de mais um dever cumprido, despede-se agradecida e com beijinhos dos que tiveram a amabilidade de comparecer e de braço dado com o seu terceiro marido, o Teodoro de Almeida, deixa a igreja dobrando a mantilha de renda preta com que cobre a cabeça durante a cerimónia e dirige-se ao *Xê Nu* quase ali ao lado. Diz sorrindo que é importante não se perder o tradicional e inteligente costume de se “tirar a boca de morte”, sobretudo depois de meia hora de joelhos num chão de ladrilhos a penitenciar-se por pecados alheios. Porém, naquele dia felizmente já distante, ela tinha-se desesperado completamente ao entrar em casa e deparado com o marido estendido no meio da sala, ainda quente e com a pistola aferrolhada na mão esquerda, uma poça de sangue em redor da sua bonita cabeça.

Como louca tinha saído porta fora a correr feito uma desalmada e toda a gente a tinha visto aos gritos destemperados no meio dos foguetes e bazucadas e música e vivas

de todo o povo que enchia a rua de Lisboa e em grande algazarra se prolongava até pelos lados da pracinha do liceu comemorando a independência nacional que nascia naquela hora. Porque, embora na altura ainda morasse para os lados de Fonte Cónego, tinha partido em corrida desenfreada e, não se sabe bem por que carga d'água, desembocado nas proximidades do Liceu Velho onde um nutrido povo festejava aos gritos. Conseguiu furar pelo meio das pessoas sempre aos berros de, já mataram o meu marido! já mataram o meu marido! e dobrando para a rua do Madeiral passou em frente do velho tribunal pela primeira vez sem comentar a soturnidade do edifício, desceu a rua que dá para o posto de venda de gasolina da Sacor que por acaso estava completamente iluminado embora de portas já fechadas àquela hora. Mesmo assim ela tinha parado junto da bomba da super a bater punhadas furiosas e a gritar, Franck! Fraanck! Ó Fraaanck, quero gasolina, quero morrer também, por favor dá-me gasolina!, mas ante a mudez daquelas frias luzes que a deixavam como que exposta num palco rodeada por alguns espectadores curiosos que tinham abandonado as comemorações e vindo no seu encalço, decidiu furar de novo pelo meio deles e sempre em corrida desabrida seguiu em direcção a Chã de Cemitério.

Quando as pessoas que começaram a persegui-la finalmente a alcançaram já perto da Fábrica Favorita, ela limitou-se a dizer, torcendo as mãos em desespero, que estava a correr para se ir matar na praia da Matiota porque queria que o seu corpo fosse arrastado para o Brasil ou então comido pelos tubarões. Não aceitou nenhuma explicação no sentido de que a Matiota ficava precisamente do lado oposto àquele para onde estava correndo, clamou que tudo aquilo fazia parte de uma maldita conspiração destinada a destruir a sua família, que Deus e todos os poderes da terra se tinham conluiado contra ela, pelo que lá mesmo na estrada foi necessário dar-lhe uma forte bofetada para a serenar um pouco. De seguida foi manietada e conduzida à força de braços ao hospital Baptista de Sousa, pois praticamente todos os carros da cidade estavam incorporados no desfile dos apitos comemorativos, onde um apressado enfermeiro lhe aplicou uma injeção de um qualquer tranquilizante.

D. Rosalinda continua a ser uma senhora de excelente humor e hoje já fala com naturalidade e graça daquela peste que tinha em casa e que mesmo depois de morto continua a fazer-lhe gastar bastante dinheiro em responsos de mês a mês e uma missa anual. No entanto, quando o Teodoro, depois de seis meses de visitas diárias, a pediu formalmente em casamento, ela disse que estava na disposição de analisar a proposta mas em caso de aceitação ele teria que se comprometer a não se opor à continuação da missa anual em memória do falecido. É uma vez por ano, justificou-se, graças a Deus que calha sempre num dia feriado e não lhe causa qualquer transtorno pessoal. Teodoro concordou de imediato, disse não ter nada contra, até porque aquela missa lhe parecia uma devoção estritamente familiar onde ele certamente estaria a mais. Mas D. Rosalinda foi sempre uma mulher de raciocínio rápido e por isso logo entendeu que Teodoro queria pôr-se de fora daquelas obrigações que ela já considerava domésticas. Se isto

significa uma recusa de participar nesse acto piedoso, disse-lhe veemente, então, meu caro, lamento muito mas não haverá casamento. Repare que não faria qualquer sentido eu estar ajoelhada sozinha nas lajes da igreja, tendo um homem em casa para me acompanhar nesse sacrifício anual!

(ALMEIDA, Germano. “In Memoriam”, In *Estóreas de Dentro da Casa*.

Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, p. 13–16)